

De “ouvrons les portes” a “em casa, no brasil”: olhares contemporâneos sobre a migração.

Gláucia Muniz Proença Lara

Resumo: Apesar da migração crescente de pessoas para a Europa e para as Américas (neste trabalho, respectivamente, França e Brasil), pouco espaço tem sido dado para que esses sujeitos em situação de vulnerabilidade textualizem suas experiências de vida, visto que eles são, em geral, representados por “porta-vozes” (agentes governamentais, jornalistas, etc.) ou reduzidos a números. Na contramão dessa tendência, dois conjuntos de relatos de migrantes/refugiados chamam nossa atenção: o da exposição *Ouvrons les portes* (Paris-França, 2015) e o da experiência auditiva *Em casa, no Brasil* (ACNUR/Brasil, 2019). Nosso objetivo é o de examinar e comparar alguns desses relatos (cinco de cada conjunto), à luz da análise do discurso francesa (ADF), mobilizando categorias como *narrativas de vida*, *temas*, *vocabulário* e *modo de enunciação*. Os resultados apontam para temas comuns, como, por exemplo, a idealização do passado, mas também para diferenças marcantes como o “tom” mais otimista dos relatos do contexto brasileiro em relação aos do contexto francês. De qualquer forma, esses espaços alternativos são fundamentais para que possamos ouvir o que esses sujeitos, habitualmente “*sans paroles*”, têm a dizer de si mesmos, dos outros, do mundo, enfim, da própria situação de migração.

Palavras-chave: migração; narrativas de vida; análise do discurso; Brasil; França.

Introdução

De acordo com o ACNUR (Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados), o número total de refugiados no mundo dobrou no período compreendido entre 2005 e 2016, “saltando” de 12,8 milhões para 25,3 milhões. No caso do Brasil, em 2010, o país recebeu 964 solicitações de refúgio; em 2017, foram 33.866, um aumento bastante expressivo².

A revista *Veja* (18/04/2018, p. 84-89), por sua vez, afirma que só da Venezuela, país que sofre os efeitos do regime ditatorial iniciado por Hugo Chávez e intensificado por Nicolás Maduro,

¹ Professora doutora da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), na área de Estudos Textuais/Discursivos, atuando tanto na graduação quanto na pós-graduação (mestrado em doutorado) em Estudos Linguísticos (PosLin). E-mail: gmlara@gmail.com.

² Dados disponibilizados no Boletim da UFMG (n. 2064 – Ano 45 – 24/06/2019).

chegaram ao Brasil em torno de 70.000 refugiados, 30.000 apenas nos dois primeiros meses de 2018, segundo registros da Polícia Federal. Esses dados são mais do que suficientes para atestar que temos visto, nos últimos anos, um recrudescimento da chamada “migração de crise” (CLOCHARD, 2007) como reflexo de uma série de guerras e crises econômicas, sociais, políticas e étnicas que assolam o planeta.

Apesar dessa “invasão” crescente de pessoas que, por razões diversas, rumam para países da Europa e das Américas (no caso deste artigo, respectivamente, França e Brasil), tornando-se um “problema” de proporções mundiais, pouco espaço tem sido dado para que esses sujeitos em situação de vulnerabilidade se manifestem, para que façam ouvir a sua “voz”. Isso porque, via de regra, eles são representados por locutores legítimos (os do grupo dominante), que falam por eles ou sobre eles, atuando como seus “porta-vozes” (especialistas, agentes governamentais, jornalistas, entre outras categorias), quando não são reduzidos a números, estatísticas e porcentagens – o que Bréant (2012) chama de “retórica numérica”. Raramente lhes é dada a oportunidade de contar suas próprias histórias, de textualizar suas experiências de vida.

Na contramão dessa tendência, dois conjuntos de relatos de migrantes/refugiados chamam nossa atenção: o da exposição francesa *Ouvrons les portes*, organizada pelos Médecins du Monde, em Paris-França, de 15 a 18 de outubro de 2015, com o objetivo maior de “mudar o olhar sobre a migração”, e o da “experiência auditiva” reproduzida no *site* do ACNUR/Brasil (2019), que partiu da seguinte proposta:

Imagine se, de repente, você tivesse que deixar a sua casa para trás e partir em busca de proteção em um outro país, tornando-se assim refugiada. Ao chegar nesse novo país, sem dúvida você enfrentaria dificuldades para se adaptar com a nova cultura, idioma, modos de vida...

Com o tempo, estando nesse novo país, o que a faria se sentir em casa, estando longe de casa?

A Agência da ONU para Refugiados (ACNUR) fez essa pergunta para algumas pessoas que, estando refugiadas no Brasil, sentem-se em casa por aqui.³

Já a exposição francesa trazia o seguinte texto de apresentação:

³ Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/em-casa-no-brasil/>. Acesso em: 07/09/2019.

Eles são como vocês e nós. Vindos de todas as partes. De lá e daqui. // Eles têm todas as idades, todos os gêneros, todas as condições, todas as culturas. // Eles partilham uma mesma convicção. O mundo é mais bonito, a vida é mais bela, mais rica, mais interessante, mais humana, quando as portas estão abertas ou se abrem para o outro. // Esta exposição, organizada pelos Médecins du Monde, em apoio aos programas de ajuda e suporte que a associação mantém em todos os lugares a serviço dos mais vulneráveis, lhes dá a palavra. // É uma palavra de solidariedade, um antídoto contra o medo e o ódio. // Abramos nossas portas!⁴

Trata-se, como se pode ver, de dois espaços alternativos que, embora com suas especificidades e questões diversas – a exposição francesa insistindo sobre o acolhimento solidário ao migrante/refugiado e o material do ACNUR/Brasil já pressupondo, de certa forma, esse acolhimento, visto que o migrante/refugiado deveria responder sobre o que o faria “sentir-se em casa” no Brasil – têm o mérito, cada qual a seu modo, de tornar audível o discurso do *outro* (migrante/refugiado), permitindo-nos, ao mesmo tempo, fazer um estudo comparativo sobre a forma como esses sujeitos deslocados e em situação de vulnerabilidade se sentem na França e no Brasil. Esse é, portanto, nosso objetivo maior: dando continuidade a reflexões desenvolvidas em trabalhos anteriores (LARA, 2017; 2018), examinar relatos – entendidos aqui como (micro) narrativas de vida, como explicaremos adiante – de migrantes/refugiados que vivem atualmente nesses dois países, ouvindo o que esses sujeitos, habitualmente “*sans paroles*” (DUCARD, 2015), têm a dizer de si mesmos, dos outros, do mundo.

À luz da análise do discurso de linha francesa (doravante, ADF), pretendemos apreender e avaliar as diferentes estratégias linguístico-discursivas mobilizadas na representação dessas vozes marginais, buscando, em linhas gerais, respostas para as seguintes perguntas: 1) como esse *outro*, migrante/refugiado, se apresenta e se representa naquilo que diz (e também naquilo que não diz)?; 2) que imagem(ns) ele constrói, por meio de suas (micro)narrativas de vida, do seu país de origem e do país que o acolheu?

Antes, porém, de prosseguir, julgamos importante discutir e problematizar o(s) sentido(s) dos termos *refugiado* e *migrante*, bem como as categorias de indivíduos a que remetem. Nesse sentido, admitimos com Calabrese e Veniard (2018, p. 19), que a relação linguagem/sociedade implica um “duplo movimento”, ou seja, a linguagem registra o social, mas, ao mesmo tempo, age sobre ele. As autoras pontuam ainda que a escolha de uma palavra, em detrimento de outra(s), não raramente marca uma posição política que acaba por influenciar o próprio sentido dessa palavra. Certos(as) militantes, por exemplo, preferem o

⁴ Disponível em: www.ouvranslesportes.medecinsdumonde.org. Acesso em: 20/02/2018. A tradução é nossa.

termo “exilado” não apenas para escapar à oposição migrante/refugiado, mas também para destacar a dificuldade, não só física como emocional, do trajeto empreendido. Reúnem, assim, sob uma única denominação as pessoas vulneráveis em deslocamento (CALABRESE; VENIARD, 2018, p. 22-23). Isso mostra a relação complexa e movente que se estabelece entre a língua e o mundo, entre as palavras e os objetos/sujeitos que designam, o que buscaremos discutir, mesmo que de forma rápida, na próxima seção.

Dos lexemas às categorias que designam: reflexões sobre migrante e refugiado

Como explica o ACNUR, refugiados são pessoas que escaparam de conflitos armados ou perseguições. Com frequência, sua situação é tão perigosa e intolerável que devem cruzar fronteiras internacionais para buscar segurança em outros países, assumindo, então, o *status* de “refugiado”, o que lhes garante reconhecimento internacional e acesso à assistência dos Estados, do ACNUR e de outras organizações. Já os migrantes são os que escolhem se deslocar não por causa de uma ameaça direta de perseguição ou morte, mas, principalmente, para melhorar de vida em termos de trabalho e/ou educação e por razões de reunião familiar, entre outras. À diferença dos refugiados, que não podem voltar ao seu país, os migrantes continuam recebendo a proteção do seu governo⁵.

Essa distinção, mais “didática” do que prática, tem sido questionada por pesquisadores franceses que vêm se debruçando sobre o fenômeno migratório atual. Clochard (2007, p. 5), por exemplo, alega que explicações relativas à migração internacional frequentemente encobrem o fato de que o indivíduo que deixa seu país de origem o faz, em geral, movido por fatores complexos (e não exclusivamente, por exemplo, por razões de perseguição ou outra), o que torna difícil a distinção entre refugiado e migrante.

Akoka (2018, p. 183), por sua vez, retomando uma discussão empreendida, em agosto de 2015, por um jornalista da *Al Jazeera*, que, em seu *blog* (em inglês), propunha que se utilizasse *refugiado*, em lugar de *migrante*, dado o caráter pejorativo e desumanizante desse último termo, constata que, chamando todos os estrangeiros em processo de migração de refugiados, o que se pretende é considerá-los todos como legítimos. Lembra que a definição

⁵ Informações disponíveis em: <http://www.acnur.org>. Acesso em: 20/02/2018.

de refugiado como “perseguido” na Convenção de Genebra (1951) estabelece uma hierarquia entre dois tipos de experiência da violência: a política, tomada como legítima e, por isso, valorizada, e a econômica, que se vê relegada ao segundo plano e não raro tomada como ilegítima, quando não considerada mais como injustiça do que como violência. Nesse caso, trata-se da oposição entre “bons refugiados” que precisam ser acolhidos e “maus migrantes” que devem ser recusados. Mas a questão não é tão simples, o que leva a autora a se indagar se “morrer de fome” não seria tão grave quanto “morrer na prisão”; ou se a falta de um horizonte socioeconômico não seria tão grave quanto a falta de liberdade política. A questão maior que se coloca, portanto, é: saber por que é necessário transformar migrantes em refugiados para torná-los legítimos.

Já Calabrese (2018, p. 153) afirma, em relação às mídias francesas, que os termos *refugiado* e *migrante* são, com frequência, utilizados como sinônimos, apesar de terem significações muito diferentes do ponto de vista jurídico: *refugiado*, segundo ela, é uma palavra que faz parte do vocabulário jurídico e, como tal, constitui uma categorização social que dá acesso à proteção, ao contrário de *migrante*, que não dispõe de definição jurídica. Mas é, principalmente, o discurso político que vai se valer da diferença entre *migrante* e *refugiado* para estabelecer uma distinção entre o “refugiado merecedor” (aquele que foge do perigo da morte e, portanto, não tem escolha) e o “migrante não merecedor” (o que migra voluntariamente por razões pessoais, em geral, econômicas, o que o tornaria inelegível ao estatuto de refugiado e, portanto, ilegítimo no seu processo de migração). E conclui que tais categorizações instituem movimentos de população legítimos vs. ilegítimos, tornando-se teatro de polêmicas midiáticas e políticas (CALABRESE, 2018, p. 156).

No Brasil, o refúgio é regido pela lei 9474 (de 22/07/97), que adotou a “definição clássica” de refugiado (existente desde a Convenção de Genebra), como mostra seu Art. 1^o:

Art. 1^o Será reconhecido como refugiado todo indivíduo que:

I - devido a fundados temores de perseguição por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas encontre-se fora de seu país de nacionalidade e não possa ou não queira acolher-se à proteção de tal país;

II - não tendo nacionalidade e estando fora do país onde antes teve sua residência habitual, não possa ou não queira regressar a ele, em função das circunstâncias descritas no inciso anterior;

6 Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9474.htm. Acesso em: 07/09/2019.

III - devido a grave e generalizada violação de direitos humanos, é obrigado a deixar seu país de nacionalidade para buscar refúgio em outro país.

Ora, se o refugiado, do ponto de vista legal, é qualquer pessoa que muda de país, buscando escapar de conflitos armados, perseguições (política, étnica, religiosa etc.) ou violação de direitos humanos, o migrante, por tabela, seria o que se desloca por vontade própria, na tentativa de escapar da pobreza ou de buscar melhores condições de vida. Assim, enquanto o primeiro encontra acolhimento na Convenção de Genebra e nas diretrizes da União Europeia para obtenção de asilo, o segundo não tem direito a requerer asilo. Segundo Novo (2018, s/p), isso leva muitos países europeus a impedir a entrada de “imigrantes ilegais”, sob a alegação de que a maioria dos estrangeiros que chega ao continente europeu é de migrantes e não de refugiados, argumento contestado pelo ACNUR ao apontar que oito, em cada dez migrantes, provêm de países em conflito ou sob regime de exceção, como Síria, Afeganistão, Iraque e Eritreia. Portanto, esbarramos, novamente, na questão refugiado legal vs. (i)migrante ilegal.

A nova Lei de Migração (Lei nº 13.445, de 24/05/17, que entrou em vigor em 21/11/17) – juntamente com o Decreto Regulamentador nº 9.199 (de 20/11/17) – assume um foco humanitário, reconhecendo a contribuição dos migrantes para o desenvolvimento econômico e cultural do Brasil e instituindo o repúdio e a prevenção à xenofobia, ao racismo e à discriminação. Essa nova lei “coloca o Brasil em uma posição de vanguarda, tanto na proteção dos direitos do migrante, quanto no combate a organizações criminosas que se aproveitam da migração para a prática de atos ilícitos”. (NOVO, 2018, s/p).

Apesar dos inegáveis avanços trazidos pelas leis brasileiras⁷, da mesma forma que no contexto francês, a distinção entre *refugiado* e *migrante* posta “em papel” nem sempre funciona na prática. Um exemplo disso são os haitianos⁸ (e, mais recentemente, os venezuelanos), que, embora não estejam fugindo de conflitos armados ou de algum tipo de perseguição (política, religiosa etc.) e, portanto, em tese, não possuam o estatuto de refugiados, vêm recebendo do governo brasileiro vistos de residência permanente por razões

⁷ Esses avanços, porém, vêm sendo ameaçados pela recente Portaria nº 666, de 26/07/19, que fixa a deportação sumária (48 horas) de estrangeiros acusados de tráfico de drogas, terrorismo etc., contrariando a própria lei, cujo prazo para deportação é de 60 dias (informações obtidas no Seminário “Migrantes no Brasil”, promovido pela DRI/UFMG, em 29/08/2019).

⁸ Segundo Novo (2018), os haitianos vêm migrando para outros países, entre eles o Brasil, devido às condições degradantes de vida, sobretudo após o terremoto de 2010.

humanitárias. Isso mostra que os limites entre um termo e outro, bem como entre as categorias de indivíduos a que remetem, são bastante tênues e sujeitos a flutuações, podendo recobrir-se (caso do discurso midiático ou do discurso do senso comum) ou divergir (caso do discurso jurídico e do discurso político, em geral).

A fim de contornar essas questões, já que, para o presente trabalho, o que importa é dar “voz” a sujeitos deslocados, sejam eles refugiados ou migrantes, legais ou ilegais, utilizaremos os dois termos em conjunto (migrantes/refugiados, como vimos fazendo, ou falaremos, simplesmente, de “sujeitos em deslocamento” ou “sujeitos deslocados”), sem estabelecer uma distinção rígida entre eles ou tecer juízos de valor sobre as categorias que representam.

Apresentando o dispositivo de análise

Cabe destacar, inicialmente, que, no âmbito da ADF, não existe nenhuma metodologia já pronta para ser utilizada. Cada pesquisador, em função do seu objeto específico, de seus objetivos, de suas hipóteses, enfim, do material que tem em mãos, constrói, a partir do dispositivo teórico em que se insere, o seu próprio dispositivo de análise (ORLANDI, 1999). Isso implica, portanto, que cada pesquisador faz “uma” leitura, entre outras possíveis, ficando o objeto em aberto para outras (novas) investigações.

Começemos pelo conceito – central para nossa pesquisa – de “narrativa de vida”, tradução de “*récit de vie*”, expressão que foi introduzida na França, em 1976, por Daniel Bertaux, no âmbito da Sociologia. Para esse autor, a narrativa de vida constitui uma descrição aproximada de uma história (objetiva e subjetivamente) vivida (BERTAUX, 2005). De nossa parte, ao abordar as narrativas de vida, buscaremos adaptá-las ao quadro da ADF, assumindo uma perspectiva analítico-discursiva-qualitativa, a exemplo de pesquisadores como Machado (2011; 2013; 2016), Machado e Lessa (2013), Ducard (2015) e Turpin (2016).

De acordo com Machado (2011), uma narrativa de vida deve ser entendida como o relato que um sujeito faz de sua vida e de suas relações como mundo que o rodeia. Logo, o *eu* que escreve/fala, na presente instância da enunciação, aquele do *aqui* e do *agora*, (re)cria, a partir de certos acontecimentos que protagonizou, um *outro*, aquele do *lá* e do *então*, dando,

pois, via linguagem, um melhor contorno a suas experiências de vida. É como se o sujeito construísse uma nova versão de si mesmo, ocorrendo, pois, um deslizamento da pessoa ao personagem (ARFUCH, 2010).

Charaudeau (1992, p. 712-713), por sua vez, afirma que a atividade de contar-se é posterior à existência de uma “realidade passada” (inventada ou não), implicando, simultaneamente, o nascimento de um outro universo: o “universo contado”. Logo, nada garante que uma dada narrativa possa ser “o reflexo fiel de uma realidade passada”, ainda que ela tenha sido vivida pelo sujeito que (se) conta. Em suma: as memórias de alguém são sempre reconstruções e, por isso, são histórias que oscilam entre efeitos de real e efeitos de ficção. Lembramos, porém, que, no escopo da ADF, não interessa a verdade ontológica, mas a veridicção ou o “dizer verdadeiro”.

No âmbito dessas considerações, estamos tomando os relatos dos migrantes/refugiados na França e no Brasil como (micro) narrativas de vida, porque eles abordam, mesmo que de forma breve, a trajetória desses sujeitos entre seu país de origem e um novo país e suas relações tanto com o passado quanto com o presente. Nessa perspectiva, suas vozes, atravessadas por essa duplicidade de efeitos que mesclam o factual e o ficcional, refletem não apenas suas experiências pessoais, mas também desvelam/revelam aspectos da sociedade de um determinado país, num dado momento histórico. Segundo Machado (2016), trata-se, pois, das “pequenas histórias” que vão tecendo a “grande” história, na tensão entre o vivido e o revivido pela lembrança, entre a objetividade e a subjetividade do (se) contar. Afinal, se o texto de cada migrante/refugiado é único e sua vivência, singular, não podemos deixar de reconhecer a vocação coletiva dessas “falas” que, para além das diferenças individuais, manifestam algumas “ideias força” que remeteriam a um discurso comum.

Para analisar as narrativas de vida dos migrantes/refugiados que vivem atualmente na França e no Brasil, recorreremos a algumas categorias que se filiam à Semântica Global de D. Maingueneau (1984; 2005), definida como o sistema de restrições que incide, de forma integrada, sobre os vários planos do discurso, tanto na ordem do enunciado como na ordem da enunciação (MAINGUENEAU, 2005, p. 79). É o caso de categorias como o vocabulário (as nominalizações, os índices de avaliação etc.), os temas (impostos ou específicos, manifestados ou silenciados) e o modo de enunciação (que remete ao *éthos* – ou à imagem de si – que o locutor constrói)⁹.

⁹ Os planos propostos por Maingueneau (2005) são sete, no total: a intertextualidade, o vocabulário, os temas, o estatuto do

Levando, pois, em conta que o ponto de partida da análise são textos “reais”, sempre abordados dialogicamente, ou seja, na sua relação com o contexto e com outros textos, diremos que a ADF situa-se numa problemática do reconhecimento, ou seja, a de identificar as marcas enunciativas da superfície dos textos para, a partir delas, retirar interpretações sobre os sistemas subjacentes de significação (os discursos). Dito isso, passemos aos relatos dos migrantes/refugiados na França e no Brasil.

Análise das narrativas de vida

Abrindo as portas

Iniciaremos esta seção com a apresentação de alguns relatos da exposição francesa *Ouvrons les portes* que já analisamos em trabalhos anteriores (LARA, 2017; 2018) e que serão tomados em conjunto para posterior comparação com os relatos obtidos no contexto brasileiro. Esclarecemos que esses relatos nos chegaram já editados, ou seja, não tivemos acesso às entrevistas (provavelmente, obtidas oralmente) que deram origem a eles. Nesse sentido, mesmo reconhecendo que, na transcrição da voz falada, perdem-se as “nuances” expostas na fala viva e imediata (tais como as interrupções, as hesitações, as autocorreções etc.), julgamos ser possível, nessa “oralidade transcrita” (DUCARD, 2015), manter as ideias principais de cada relato, o que é suficiente para nossos propósitos. Foram cinco, no total, as narrativas de vida analisadas: 1) a de Rime Arodaky (produtora - Síria); 2) a de Gyongy Cojocarú (estudante - Romênia); 3) a de Madiba Kaba (refugiado - Guiné Bissau); 4) a de Salem Ali (engenheiro - Argélia); 5) a de Amanuel Ghirmai (animador de rádio - Eritreia). Como já foi dito, privilegiaremos aqui três categorias ou planos da Semântica Global (MAINGUENEAU, 2005): os temas, o vocabulário e o modo de enunciação.

De acordo com Maingueneau (1998, p. 139; grifo do autor), “o *tema* de um texto corresponde ao que intuitivamente podemos exprimir como ‘Do que isso fala?’”. Para ele, “qualquer que seja sua extensão, um texto considerado coerente deve construir uma

destinador e do destinatário, a dêixis enunciativa, o modo de enunciação e o modo de coesão. O autor esclarece que a ordem de sucessão dos planos é arbitrária e que nada impede que sejam isolados outros planos ou que as divisões propostas sejam repartidas de forma diferente (MAINGUENEAU, 2005, p. 80). Isso, a nosso ver, dá autonomia ao pesquisador para privilegiar determinados planos (em detrimento de outros), como fazemos aqui.

representação e poder ser resumido”. O autor diferencia os temas *impostos* – como é o caso, para nós, do tema da migração, que aparece em todas as narrativas de vida como uma espécie de (macro)tema que organiza os demais – dos temas *específicos*, aqueles que são próprios a um dado discurso (MAINGUENEAU, 2005, p. 85). Podemos exemplificar esse último caso com um trecho do relato do guineense Madiba Kaba (T1), que é o único entre os analisados que se manifesta sobre o difícil trajeto entre seu país de origem e a França. Os demais sujeitos não abordam esse tema¹⁰:

Texto 1: Se eu saí da Guiné há dois anos foi para salvar minha vida. Fugi para Mali, antes de chegar a Burkina Faso, Niger e, enfim, à Líbia. Em Trípoli, minha mãe me enviou dinheiro para pagar a travessia até a Europa. Isso me custou 1 000 dinares líbios (650 €). Embarcamos uma manhã, em torno das 4 horas. Éramos perto de 130 num barco. Depois de 12 horas no mar, marinheiros italianos nos resgataram e levaram a Lampedusa. Consegui chegar a Paris e iniciei o processo de pedido de asilo na França.

Em relação aos temas que se repetem nos textos sob a égide do (macro)tema da migração, podemos citar: o tema da **idealização do passado**, como se vê, por exemplo, no relato da produtora Rime Arondaky (T2), que dedica um único e lacônico enunciado à sua vida atual na França e todo o restante do texto à sua antiga vida na Síria, que aparece como um “país idílico” que beira à perfeição (mesmo que saibamos que a Síria vem enfrentando uma guerra civil há mais de cinco anos). Vejamos:

Texto 2: Eu vivo e trabalho na França, minha Síria no coração: [...] as ruelas mágicas, o sotaque típico que me faz sorrir, os cafés, a oração que ressoa ao nascer do sol, o céu com nuances de rosa, a música, os restaurantes ao ar livre nos pátios históricos, os pratos da minha avó, a dança (dabké) fogosa, nossas discussões sem fim no terraço familiar que cheira a jasmim, a bondade, os sorrisos, os sabores, uma espiritualidade atemporal, as anedotas, a beleza das paisagens, os edifícios esculpidos à mão, a grande mesquita dos Omeyyades, a mais bela de todas que já vi...

Essa mesma **idealização do passado** antes do deslocamento como um espaço-tempo feliz aparece em outras narrativas, como na da estudante romena Gyongy Cojocarú: “Eu me recordo de uma infância feliz, num país maravilhoso. Eu me lembro das longas caminhadas na montanha com meus pais; colhíamos mirtilos e cogumelos...”, o que revela um certo saudosismo da vida no país de origem. A esse tema, opõem-se, com frequência, o tema das

¹⁰ Apresentaremos os depoimentos já traduzidos para o português. Os originais franceses podem ser encontrados no catálogo da exposição *Ouvrons les portes*. Disponível em: <<http://www.ouvronslesportes.medecinsdumonde.org>>. Acesso em: 20/02/2018.

dificuldades do presente, como se pode constatar nos seguintes excertos das narrativas do guineense Madiba Kaba (T3), que se qualifica apenas como “refugiado”, e do engenheiro argelino Salem Ali (T4):

Texto 3: Hoje, eu vivo num “squat” [área ocupada] em Montreuil com malianos, marfinenses, burquinenses. Não há água; eu me lavo em banheiros públicos e faço refeições no Restos du coeur [instituição de caridade]. Eu me sinto frequentemente sozinho; é difícil a comunicação com os outros. Tenho saudades da minha família.

Texto 4: Hoje, vivemos do salário da minha mulher, que faz faxinas. Para comer, precisamos ir à sopa popular. A associação Médecins du Monde nos ajudou a conseguir auxílio médico do estado. Estou triste porque meus filhos sempre me conheceram como uma pessoa muito ativa e trabalhadora. Eu era um modelo para eles, porém não mais.

As dificuldades encontradas no novo país (no caso, a França) vão, porém, muito além das condições precárias de sobrevivência (infra-estrutura, alimentação, higiene...) e das saudades da família, desvelando o tema do **preconceito e da desvalorização social** para com o *outro/estranho/estrangeiro*, como mostram os seguintes trechos dos relatos da romena Gyongy Cojocarú (T5) e do argelino Salem Ali (T6):

Texto 5: As condições de vida são tão difíceis que eu choro todas as noites durante dois anos. Eu sinto às vezes a discriminação e a violência. Na escola, me disseram, por exemplo, que eu furto bicicletas depois da aula. Que os *Roms* [ciganos] são assim mesmo; que eu não irei muito longe. É difícil acreditar em seus sonhos quando se vive sob uma tenda.

Texto 6: Eu vinha frequentemente à França como parte do meu trabalho [de engenheiro]. Amo este país. Entretanto, minha acolhida [como migrante] nem sempre tem sido fácil. Algumas pessoas nos disseram: “Seu país é rico. Vão embora!”. Houve mesmo alguém que nos mostrou um mapa da Argélia, dizendo-nos: “Seu lugar é aqui.”

Vemos que, se Salem Ali (T6) é bem-vindo como engenheiro estrangeiro que presta serviços à França, o mesmo não se pode dizer do migrante Salem Ali, que, conforme explica em seu relato, mudou-se da Argélia para tentar tratamento médico adequado para um dos filhos que é surdo e sofre de problemas de autismo. Já Gyongy Cojocarú (T5) migrou com a família para a França porque seu pai ficou desempregado na Romênia e decidiu juntar-se a uma parte da família que já estava naquele país. Em relação à estudante romena, lembremos que os romenos – frequentemente identificados como ciganos ou como *roms*, embora nem

todos o sejam – são associados a estereótipos de roubo, de alcoolismo, de depredação, de rapto de crianças etc. (TURPIN, 2016). Assim, em ambos os casos, o deslocamento se deveu a questões pessoais (busca de tratamento médico e de melhores condições de vida), não sendo os sujeitos envolvidos merecedores do estatuto (legítimo) de refugiados, o que, somado a certos estereótipos que (ainda) circulam no discurso do senso comum, contribui para acentuar o preconceito e a discriminação contra eles, como mostram as “falas” em discurso relatado que são reproduzidas tanto em T5 quanto em T6.

Quanto ao vocabulário, diz Maingueneau (2005, p. 83-85) que não tem sentido falar em vocabulário próprio de um dado discurso, pois o mais frequente é que ocorram explorações semânticas distintas (e mesmo contraditórias) das mesmas unidades lexicais por discursos diferentes, o que o leva a concluir que “a palavra em si mesma não constitui uma unidade de análise pertinente”. Porém, como, no caso deste trabalho, trata-se de textos que versam sobre uma mesma temática, podemos supor que o vocabulário utilizado por cada um deles se aproxime em alguns aspectos, contribuindo, assim, para a construção de um discurso similar.

Um desses aspectos é o contraste que se estabelece, por meio da escolha lexical, entre a vida no país de origem e a vida no novo país (ou seja, a França), implicando o emprego de termos de cunho positivo e de cunho negativo, respectivamente. No relato da produtora Rime Arondaky, por exemplo, praticamente tudo o que se refere à Síria, seu país de origem, vem marcado por uma axiologia positiva, com destaque para os numerosos índices de avaliação: *ruelas mágicas, sotaque típico que faz sorrir, céu com nuances de rosa, dança fogosa, terraço familiar que cheira a jasmim* etc. O mesmo procedimento é adotado pela romena Gyongy Cojocar, que fala de uma *infância feliz, num país maravilhoso*.

Na outra ponta, estão os termos negativos (substantivos, adjetivos) que se referem à vida na França para os recém-chegados, como mostram, por exemplo, os vocábulos empregados pelo jornalista eritreu Amanuel Ghirmai em sua narrativa de vida: *período difícil, condições desumanas, sofrimento, apátridas, viver longe dos seus* etc. É importante observar que a condição oficial de refugiado de que Ghirmai desfruta – já que ele fugiu da ditadura de Issayas Afewerki, descrita como “feroz” contra as mídias – permite que ele exerça sua profissão na França: ele atua numa rádio (Radio Erena), por meio da qual busca interagir com seus conterrâneos que vivem em Calais¹¹. Esse fato nos permite retomar o binômio refugiado

11A Rádio Erena fornece um número de telefone gratuito para que os eritreus que aguardam refúgio no campo de Calais

legal (Amanuel Ghirmai) vs. migrante ilegal (Gyongy Cojocarú e Salem Ali), apesar de, como vimos na seção 2, haver, com frequência, um deslizamento entre os termos e as categorias de indivíduos que representam.

No que tange à última categoria que elegemos para nosso “dispositivo de análise individualizado” (ORLANDI, 1999), Maingueneau (2005, p. 94-95) afirma que um discurso está relacionado a uma “maneira de dizer” específica, que ele denomina *modo de enunciação*. No seu entendimento, “o discurso, por mais escrito que seja, tem uma voz própria, mesmo quando a nega”. Essa “voz”, que é assimilada ao “tom” do discurso e que pode ser apreendida por elementos como o ritmo, a entonação, a escolha das palavras, é articulada, em trabalhos posteriores do autor (ver MAINGUENEAU, 1993; 2001; 2006, 2008, 2010) à noção aristotélica de *éthos*. Voltando à retórica antiga, o autor explica que por *éthe* deve-se entender as propriedades que os oradores se conferiam, de forma implícita, por meio de sua maneira de dizer, isto é, pelo modo de se expressarem. Assim, quando se trata do *éthos*, a questão não é apenas o que é dito, mas o tom utilizado para dizer o que é dito¹².

Em seu conjunto, os excertos das narrativas de vida reproduzidos anteriormente permitem apreender não um “tom” de indignação ou de raiva, como se poderia esperar pela situação difícil que os migrantes/refugiados enfrentaram (ou ainda enfrentam) na França, mas o de tristeza, nostalgia, frustração e/ou desapontamento. Por meio de sua “maneira de dizer”, que remete a uma “maneira de ser”, eles constroem, assim, um *éthos* fragilizado, que tende a despertar no destinatário sentimentos correlatos de pena, empatia e solidariedade (*páthos*). Passemos, a seguir, aos relatos do ACNUR/Brasil.

Sentindo-se em casa

Como já comentamos, enquanto o foco da exposição francesa, ao permitir que os sujeitos deslocados contem suas histórias, é principalmente sensibilizar aqueles que os acolhem (países, indivíduos) por meio da expressão metafórica: “abrir as portas”¹³, o *site* do

(norte da França) partilhem suas experiências e mantenham os laços com o país de origem.

12 Se, inicialmente, para Maingueneau (1993; 2001), a eficácia do *éthos* estava relacionada ao fato de ele envolver a enunciação, sem estar explícito no enunciado, o autor irá rever essa posição em trabalhos posteriores (ver MAINGUENEAU, 2006; 2008; 2010), passando a admitir, ao lado de um *éthos* prévio (ou pré-discursivo), a existência de um *éthos* discursivo, dividido em *éthos* dito (nível do enunciado) e *éthos* mostrado (nível da enunciação). Neste artigo, privilegiaremos o *éthos* mostrado, associando-o à maneira de dizer, ao “tom” do discurso.

13 Na exposição, realizada na Place de la République, essa metáfora foi assumida ao pé da letra, já que havia várias cabines dispostas em sequência e com as portas fechadas. Ao abrir cada uma delas, o visitante se deparava com a foto e o

ACNUR/Brasil pressupõe que os migrantes/refugiados já estejam adaptados ao contexto brasileiro, pois o momento inicial de dificuldades, pelo menos em tese, teria sido vencido, como se vê em: “Ao chegar nesse novo país, sem dúvida você enfrentaria dificuldades para se adaptar com a nova cultura, idioma, modos de vida... *Com o tempo*, estando nesse novo país, o que a faria se sentir em casa, estando longe de casa?” (grifo nosso).

Diferentemente da exposição francesa, em que os textos eram disponibilizados para o público apenas na modalidade escrita e já editados, o *site* dá acesso aos relatos orais dos migrantes/refugiados (áudios em torno de 3 a 4 min. cada), reunidos sob a denominação “experiência auditiva”, como comentamos na Introdução. Apresenta, além disso, um pequeno texto escrito, que funciona como um resumo do que foi dito, e uma frase destacada em discurso direto, ou seja, uma *aforização* (MAINGUENEAU, 2012), que é colocada sobre a foto do migrante/refugiado e que busca responder mais diretamente à pergunta: “o que a faria se sentir em casa [no Brasil], estando longe de casa?”.

Para uniformizar com o (sub)*corpus* francês, não faremos a transcrição dos áudios; examinaremos as aforizações e os resumos escritos (editados), que, conforme constatamos, são fiéis aos relatos orais (ainda que (re)produzidos em 3ª. pessoa). Nesse sentido, lembramos que nosso foco, no presente artigo, é o plano de conteúdo dos textos. Também para fins de uniformidade, selecionamos cinco sujeitos de diferentes países (Venezuela, Nigéria, Moçambique, Afeganistão/Irã e Congo). A análise será feita com as mesmas categorias – temas, vocabulário e modo de enunciação – utilizadas para as narrativas de vida examinadas na seção anterior. Além disso, para agilizar a exposição, já comentaremos, ao longo da análise, as semelhanças e diferenças encontradas em relação ao grupo da França.

Começando pelos temas, vemos que, no (sub)*corpus* brasileiro, um tema que se repete é o da **idealização do passado**, como se pode observar na narrativa de Dayana Elizabeth Guillarte de Mejias (Venezuela):

Resumo 1: Sua casa em Caracas, na Venezuela, era pequena, mas também bonita porque “era minha”. Tinha todas as comodidades necessárias para uma vida tranquila. Viveu naquela casa por 15 anos, com suas filhas e com uma querida cachorra. Seu sonho é reconstruir a vida por aqui, voltar a ter sua própria casa, pois hoje mora em um espaço alugado de três cômodos. Sente saudade de viver com as pessoas com quem podia compartilhar o tempo todo.

Aforização: “Poder sonhar com a possibilidade de voltar para meu país é o que me faz sentir em casa estando no Brasil.”

relato de um migrante/refugiado ou de alguém que lida habitualmente com esse público (médicos, enfermeiras etc.).

Na Venezuela, Dayana Mejias tinha uma vida tranquila numa casa que era sua. No Brasil, mora num pequeno “espaço alugado” e sente saudades dos que deixou para trás. Mas o mais intrigante na sua narrativa é que, paradoxalmente, “sentir-se em casa no Brasil” é, para ela, manter o sonho de voltar para o país natal, como revela a aforização. Sua narrativa guarda semelhanças com a da síria Rime Arodaky, que vive fisicamente na França (“eu vivo e trabalho na França”), mas emocionalmente na Síria (“minha Síria no coração”), revelando um certo saudosismo do passado, o que também pode ser encontrado no relato do nigeriano Lawrence Idowu Ijeh:

Resumo 2: Sua casa em Lagos, na Nigéria, era localizada em uma rua bonita, segura. As portas estavam sempre abertas, ninguém jogava sujeira nas ruas... E Lawrence gostava de brincar descalço pela rua, correndo livremente. Se sair de casa foi difícil, o Brasil é visto como estar dentro de um novo lar, pois Lawrence acredita que a vida no país será melhor, pois “o Brasil tem futuro”. Ele quer dar continuidade aos seus estudos e se tornar mestre em administração financeira.

Aforização: “A esperança em um futuro melhor é o que me faz sentir em casa, estando no Brasil.”

A vida de Lawrence Ijeh na Nigéria era, principalmente, segura (“as portas estavam sempre abertas”; “ele corria livremente pela rua”), numa cidade limpa (“ninguém jogava sujeira nas ruas”), o que, lido pelo avesso, deixa subentendido que, no Brasil, Lawrence não dispõe nem de uma coisa nem de outra. Porém, seu relato resgata um tema que pouco vimos nos relatos dos migrantes/refugiados do contexto francês: o da **esperança no futuro**. Esse tema também se faz presente na narrativa – sobretudo, na aforização – do casal Wakilahmad Tajik (afegão) e Mahboubeh Khademolhosseini (iraniana). Vejamos:

Resumo 3: Casados desde 2005, o casal teve que deixar o Irã e decidiu ir para a Turquia. Entretanto, a Turquia os [sic] concedeu um prazo curto de permanência e logo tiveram que buscar um novo país. Tentaram desesperadamente solicitar refúgio em várias embaixadas e só o Brasil os acolheu, algo marcante para a família. O filho do casal já está bem adaptado à realidade brasileira e aos poucos estão conseguindo voltar a ter as condições de antes.

Aforização: “Ter condições de lutar pelo melhor pelo nosso filho é o que me faz sentir em casa no Brasil”.

O Brasil, para o casal, implica a possibilidade de o filho ter um futuro melhor, o que se aproxima da narrativa do argelino Salem Ali, que se mudou para a França em busca de

melhores condições de vida (tratamento médico) para o filho surdo e autista. No caso de Ali, porém, há um certo desapontamento em relação à recepção que ele e a família tiveram na França, desvelando o tema do **preconceito e da desvalorização social**, que é silenciado no (sub)corpus brasileiro, apesar de sabermos que migrantes/refugiados também estão sujeitos a sentimentos e condutas semelhantes em nosso país, como revelam, por exemplo, dados da pesquisa de Marques e Terrier (2017) com migrantes haitianas que vivem em Belo Horizonte - MG. Talvez esse silenciamento esteja relacionado ao estereótipo do brasileiro cordial, que recebe todos de braços abertos (LARA, 2014) e aceita as diferenças, como mostra o relato da moçambicana Lara Elizabeth Baptista Sequeira Lopes:

Resumo 4: Sua casa em Maputo, capital de Moçambique, era a de sua avó. Deixou muita coisa que [sic] gostava para trás, que tinha conquistado, para chegar ao Brasil. Foi uma novela que a fez descobrir a realidade do Brasil, onde poderia viver livremente a sua sexualidade. Está há seis anos no país e no começo foi morar em um quartinho. Agora, ao lado de sua companheira, estão [sic] vivendo em uma casa que é a que desejavam ter. O próximo passo de Lara é realizar o sonho de ser mãe.
Aforização: “O respeito com que as pessoas me olham pela minha história e pela pessoa que eu sou é que me faz sentir em casa, estando no Brasil.”

O “respeito” manifestado pela moçambicana na frase destacada (aforização) pode, porém, ser contestado pela notícia do Portal Uol, publicada em 20/02/2019¹⁴, que revela que 8.027 pessoas LGBTs foram assassinadas no Brasil, entre 1963 e 2018, em razão de orientação sexual ou identidade de gênero. Duas coisas chamam a atenção no relato de Lara Elizabeth: a ideia (implícita) de que Moçambique é um país repressor no que tange a essas questões (já que ela veio para o Brasil a fim de “viver livremente a sua sexualidade”) e o fato de ela ter-se inspirado numa novela (possivelmente, da *Rede Globo*). Nesse sentido, estudos como o de Peret (2005) mostram que as telenovelas globais têm sido marcadas, no século XXI, por uma proeminência de discussões sociais, ou seja, pela inserção, em suas histórias, de temas sensíveis do espaço público – a homossexualidade é um deles – que, em muitas ocasiões, são secundarizados na sociedade. Isso, ao que tudo indica, contribuiu para que a moçambicana tomasse, equivocadamente, o que viu na tela como a própria realidade do Brasil.

Não podemos perder de vista, porém, que a pergunta que motivou as narrativas de vida

¹⁴ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2019/02/20/brasil-matou-8-mil-lgbt-desde-1963-governo-dificulta-divulgacao-de-dados.htm?cmpid>. Acesso em: 11/09/2019.

direcionava, de certa forma, as respostas, pois não era dada ao sujeito a opção de não se sentir em casa. Além disso, nenhuma informação nos é fornecida, no *site* do ACNUR/Brasil, sobre a escolha dos sujeitos participantes da pesquisa e de seus relatos (o que, aliás, também ocorre em relação à exposição francesa). Não sabemos, por exemplo, se houve algum depoimento negativo em relação ao Brasil que teria sido eliminado para evitar incoerências com a proposta do *site*.

Esse direcionamento “embutido” na proposta (pressupondo que o informante já estaria adaptado ao Brasil e que as dificuldades maiores teriam sido superadas) também parece ter interferido no tema das **dificuldades do presente**, representadas pela vida no novo país. Esse tema, que foi muito enfatizado nas narrativas do contexto francês, aqui aparece muito *en passant* – é a venezuelana que tinha casa própria e agora vive de aluguel ou a moçambicana que viveu inicialmente num quartinho. Em geral, as dificuldades assinaladas incidem sobre a chegada do migrante/refugiado ao Brasil e são colocadas no passado (um passado mais recente do que aquele relacionado à vida no país de origem), como constatamos no relato (R4) da moçambicana Lara Elizabeth (que agora vive com a companheira na casa que desejavam ter) e da congoleza Mamie Bazonga, a seguir:

Resumo 5: Sua casa em Kinshasa, na capital de República Democrática do Congo, ficava em uma parte da cidade com muita vivacidade, com pessoas que gostavam de música, gastronomia e de conversa, muita conversa. A casa tinha espaço para cultivar hortaliças, como couve. Ela trabalhava na televisão como operadora de câmera, e passou muita dificuldade inicialmente. Viveu em um albergue e agora mora em uma boa casa, com um bom trabalho. Seu sonho é poder ajudar outras pessoas, como ela mesma foi ajudada.

Aforização: “Poder crescer, ver meus filhos bem e poder ajudar os outros é o que me faz sentir em casa, estando no Brasil.”

Nessa narrativa, além de um certo saudosismo do passado mais remoto (a vida no país de origem), há uma oposição entre o antes (quando Mamie chegou) – passado mais recente em que ela “passou muita dificuldade” e “viveu em um albergue” – e o agora – em que ela “mora em uma boa casa” e tem um “bom trabalho”. Aqui se repete também o tema da **esperança no futuro**.

Em relação ao vocabulário, se a vida no país de origem implica termos de valor positivo: *vida tranquila, casa bonita, rua bonita e segura, parte da cidade com muita vivacidade* etc., não há, em contrapartida, como nos relatos do contexto francês, palavras de

cunho negativo para qualificar o Brasil ou a vida nesse país. Isso, como já explicamos, tem a ver com o teor da proposta do ACNUR/Brasil. Tudo parece se resumir na palavra *dificuldade*, que é mencionada algumas vezes, sobretudo em relação ao passado (mais recente) de chegada ao país, mas essa dificuldade, seja ela qual for (adaptação à nova cultura, ao idioma, aos modos de vida etc., como o próprio texto de apresentação sugere), não é enfatizada, porque, pelo menos em tese, já ficou para trás. Por outro lado, são empregadas palavras e expressões de cunho positivo também em referência ao Brasil (à vida no Brasil): *novo lar, vida melhor, país do futuro, respeito* etc., o que raramente acontece nos relatos da exposição francesa.

Também em relação ao modo de enunciação, o tom assumido pelos sujeitos que (se) contam no contexto brasileiro parece, no geral, mais otimista e esperançoso do que o tom mobilizado nos relatos do contexto francês, que, como vimos, implica sentimentos como tristeza e desapontamento. Com isso, o *éthos* que se constrói para o grupo do Brasil, no seu conjunto, é o de indivíduos menos fragilizados e mais confiantes. Isso se vê, por exemplo, no relato de Lawrence Idowu Ijeh (R2), que, mesmo assumindo um tom nostálgico quando fala da vida na Nigéria, não deixa de manifestar sua esperança no Brasil, que ele qualifica como “país do futuro”, já que lhe permitirá continuar os estudos e tornar-se mestre em administração financeira. Na outra ponta, o destinatário não sente pena ou tristeza (*páthos*), mas empatia e certa tranquilidade ao constatar as conquistas dos migrantes/refugiados em solo brasileiro.

Nessa perspectiva, a oposição migrante ilegal (que desperta o sentimento de rejeição) vs. refugiado legal (aquele que deve ser acolhido), que pudemos observar em relação ao (sub)*corpus* francês, mostra-se pouco produtiva no (sub)*corpus* brasileiro. Um fato que chama a atenção é que, se a penosa jornada em busca de refúgio relatada pelo casal afegão/iraniana (R3) – que é enfatizada pela forma intensificadora *desesperadamente* (“tentaram desesperadamente solicitar refúgio em várias embaixadas”) – vem à tona, isso parece ser feito mais para valorizar o Brasil, criando uma imagem positiva do país (“só o Brasil os acolheu, algo marcante para a família”) do que para discutir a questão da (i)legalidade envolvida no processo migratório. Assim, temas negativos, como a homofobia, a falta de segurança, a sujeira nas ruas, que poderiam denegrir o país, são sistematicamente silenciados, enquanto o estereótipo de um povo hospitaleiro que respeita as diferenças é destacado. Se o lema da França é “liberdade, igualdade, fraternidade”, é em relação ao Brasil que esses temas são

mobilizados nos relatos do ACNUR.

Feitas as comparações entre o grupo da França e o do Brasil, por meio do dispositivo de análise que elegemos para este trabalho, chegamos às imagens de si, do país de origem e do país de acolhida que os sujeitos deslocados constroem em seus textos, o que responde às perguntas dispostas na Introdução e se mostra condizente com nosso objetivo maior de “dar voz” a esses sujeitos. Mas o que podemos dizer do discurso subjacente a esses textos? Seguem algumas (breves) considerações que, evidentemente, não esgotam a questão.

Algumas palavras para concluir

Se há diferenças marcantes no que tange às narrativas de vida coletadas no Brasil e na França, como buscamos mostrar na seção anterior, há também semelhanças, como a recorrência de certos temas (por exemplo, a idealização do passado) e o emprego de um léxico, geralmente de teor positivo, quando os sujeitos deslocados falam da vida no país de origem. Isso nos leva a retomar a indagação feita no final da seção anterior para refletir se poderíamos propor um “discurso comum” dos migrantes/refugiados que se encontram tanto num país quanto no outro, ou se, ao contrário, teríamos dois discursos distintos, embora próximos. Afinal, como foi enfatizado outras vezes, não podemos desprezar o “peso” das propostas apresentadas na exposição francesa e no *site* do ACNUR/Brasil para a construção das narrativas de vida. Foram essas propostas, que, da forma como foram enunciadas, direcionaram (argumentativamente) certas respostas/posições, em detrimento de outras, e mesmo permitiram que os relatos fossem disponibilizados diferentemente nos dois dispositivos.

Embora não tenhamos uma resposta definitiva para essa questão, o que demanda novas e mais profundas investigações, fica claro para nós que, em ambos os casos, um espaço alternativo importante foi aberto para que os habitualmente “*sans paroles*” – para citarmos, novamente, Ducard (2015) – pudessem contar um pouco das suas histórias, relatando seus desafios e suas dificuldades, mas também suas conquistas e esperanças; construindo imagens do seu país de origem e do país que os acolheu; expondo seus sentimentos em relação a si mesmos e aos outros; enfim, apresentando-se e representando-se por meio do seu dizer. Nesse

sentido, ler (ouvir) o que os próprios sujeitos deslocados têm a dizer de si, do outro, do mundo, tem um valor persuasivo muito maior do que ler (ouvir) suas histórias contadas por outrem, permitindo-nos avaliar mais de perto o que é ser um migrante/refugiado, com tudo o que isso implica, e levando-nos, a partir daí, a assumir atitudes mais solidárias e menos xenófobas em relação a esse público fragilizado.

Aliás, nossa proposta de dar voz aos migrantes/refugiados vai ao encontro da constatação de Marques e Terrier (2017, p. 8) de que as migrantes haitianas entrevistadas em sua pesquisa demonstraram não raro “uma necessidade premente de tomar a palavra”, apontando o pouco espaço que lhes é dado habitualmente para se expressarem, para “falar delas mesmas, de sua vida e de suas urgências”. Trabalhos como o dessas autoras – e, muito modestamente, o nosso – implicariam, assim, novas maneiras de os sujeitos deslocados “se fazerem reconhecidos e respeitados pelo ato de tomar a palavra”.

Referências Bibliográficas

AKOKA, K. Qu'est-ce qu'un réfugié? Des usages politiques des définitions juridiques. In: CALABRESE, L.; VENIARD, M. (éds.). *Penser les mots, dire la migration*. Louvain-la-Neuve: Harmattan, 2018. p. 183-188.

ARFUCH, L. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Trad. Paloma Vidal. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2010.

BERTAUX, D. *Le récit de vie*. Paris: Armand Colin, 2005.

BRÉANT, H. Démontrer le rôle positif des migrations internationales par les chiffres. Une analyse de la rhétorique institutionnelle du système des Nations unies. *Mots*, n.100, p. 153-171, 2012.

CALABRESE, L. Migrant ou réfugié? L'enjeu des dénominations des personnes dans le discours médiatique. In: CALABRESE, L.; VENIARD, M. (éds.). *Penser les mots, dire la migration*. Louvain-la-Neuve: Harmattan, 2018. p. 153-160.

CALABRESE, L.; VENIARD, M. Mots, discours et migration, une relation dialectique. In: CALABRESE, L.; VENIARD, M. (éds.). *Penser les mots, dire la migration*. Louvain-la-Neuve: Harmattan, 2018 p. 9-28

CHARAUDEAU, P. *Grammaire du sens et de l'expression*. Paris: Hachette, 1992.

CLOCHARD, O. Les réfugiés dans le monde entre protection et illégalité. *EchoGéo*, v. 2, p.

1-8, sep./nov. 2007. Disponível em: <http://echogeo.revues.org/1696>. Acesso em: 20/02/2018.

DUCARD, D. Dar a palavra: da reportagem radiofônica à ficção documental. In: LARA, G. P.; LIMBERTI, R. P. (orgs.). *Discurso e (des)igualdade social*. São Paulo: Contexto, 2015. p.109-128.

LARA, G. M. P. Da aforização à construção do éthos: Dilma Rousseff e a Copa do Mundo da FIFA 2014. *Revista Latinoamericana de Estudos do Discurso*, v. 14, n. 2, p. 39-55, dez. 2014. Disponível em: <http://www.comunidadeled.org/>. Acesso em: 11/09/2019.

LARA, G. M. P. Abrindo as portas: a voz dos imigrantes e refugiados. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, Brasília, v. 18, n. 1, p. 28-48, jun. 2017. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/les/issue/view/1665>. Acesso em: 11/09/2019.

LARA, G. M. P. A(s) voz(es) dos vulneráveis: narrativas de vida de imigrantes e refugiados à luz da análise do discurso. In: BARONAS, R. L. et al. (orgs.). *As ciências da linguagem e a(s) voz(es) e o(s) silenciamento(s) de vulneráveis: reflexão e práxis – Homenagem ao Prof. Luiz Antônio Marcuschi*. Campinas, SP: Pontes, 2018. p. 145-166.

MACHADO, I. L. Histórias discursivas e estratégias de captação do leitor. *Diadorim*, Rio de Janeiro, v. 10, p. 59-74, 2011.

MACHADO, I. L. *Percursos de vida que se entremeiam a percursos teóricos*. Projeto de Pesquisa CNPq, 2013.

MACHADO, I. L. Narrativa de vida: um espaço de liberação para vozes femininas? In: MACHADO, I. L. et al. (orgs.). *Análise do discurso. Afinidades epistêmicas franco-brasileiras*. Curitiba: CRV, 2016. p. 12-22.

MACHADO, I. L.; LESSA, C. H. Reflexões sobre o gênero narrativa de vida do ponto de vista da análise do discurso. In: JESUS, S. N.; SILVA, S. M. R. da (orgs.). *O discurso & outras materialidades*. São Carlos: Pedro & João, 2013. v. 1. p. 102-122.

MAINGUENEAU, D. *Genèses du discours*. Liège/Bruxelles: Pierre Mardaga, 1984.

MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas, SP: Pontes, 1993.

MAINGUENEAU, D. *Termos-chave da análise do discurso*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2001.

MAINGUENEAU, D. *Gênese dos discursos*. Curitiba: Criar Edições, 2005.

MAINGUENEAU, D. *Cenas da enunciação*. Curitiba: Criar Edições, 2006.

MAINGUENEAU, D. A propósito do éthos. In: MOTTA, A. R.; SALGADO, L. (orgs.). *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 11-29.

MAINGUENEAU, D. *Doze conceitos em análise do discurso*. São Paulo: Parábola, 2010.

MAINGUENEAU, D. *Les phrases sans texte*. Paris: Armand Colin, 2012.

MARQUES, A. C. S.; TERRIER D. Imigração de mulheres haitianas em Belo Horizonte/Brasil: identidades femininas, relatos de si e autonomia. *Panorama*, Goiânia, v. 7, n. 2, p. 03-09, ago/dez. 2017.

NOVO, B. N. Direitos dos refugiados e a nova lei da migração. *Portal Conteúdo Jurídico*, 2018. Disponível em: <https://conteudojuridico.com.br/consulta/Artigos/51464/direito-dos-refugiados-e-a-nova-lei-de-migracao>. Acesso em: 07/09/2019.

ORLANDI, E. P. *Análise de discurso: princípios & procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 1999.

PERET, L. E. N. De “O Rebu” a “América”: 31 anos de homossexualidade em telenovelas da Rede Globo (1974-2005). Revista *Contemporânea*, Rio de Janeiro, n. 5, p. 33-45. 2005. 2. Disponível http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_05/contemporanea_n05_04_eduardo.pdf. Acesso em: 21/09/2019.

TURPIN, B. A discriminação dos ciganos na imprensa francesa. In: LARA, G. P.; LIMBERTI, R. P. (orgs.). *Representações discursivas do outro: discurso, (des)igualdade e exclusão*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. p.117-134.

Résumé : Malgré la recrudescence actuelle du flux migratoire pour l’Europe et pour les Amériques (ici respectivement pour la France et le Brésil), les sujets migrants se voient rarement donner l’opportunité de textualiser leurs expériences de vie, étant plutôt représentés par des « porte-paroles » (agents gouvernementaux, journalistes, etc.) ou réduits à des chiffres. À l’inverse de cette tendance, deux ensembles de récits attirent notre attention : celui de l’exposition *Ouvrons les portes* (Paris-France, 2015) et celui de l’expérience audio *Em casa, no Brasil* (ACNUR/Brésil, 2019). Notre objectif est d’en examiner et d’en comparer plusieurs (cinq de chaque ensemble), à la lumière de l’analyse du discours française (ADF), au moyen de catégories telles que *récits de vie, thèmes, vocabulaire* et *mode d’énonciation*. Les premiers résultats montrent des thèmes communs – comme, par exemple, une certaine idéalisation du passé – mais aussi des différences importantes, comme le « ton » plus optimiste des récits du contexte brésilien par rapport à celui des récits du contexte français. Dans tous les cas, ces espaces alternatifs sont fondamentaux pour que nous puissions entendre ce que ces sujets, habituellement « sans paroles », ont à dire sur eux-mêmes, sur les autres, sur le monde, sur la situation même de migration.

Mots-clés: migration ; récits de vie ; analyse du discours ; Brésil ; France.